



DESENVOLVENDO A AGROECOLOGIA DENTRO DE UM ASSENTAMENTO RURAL

Kaique Matheus Cardoso

Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão
cardosokm@gmail.com

Daniel Alves

Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão
cbertazzo@hotmail.com

Cláudio José Bertazzo

Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão
cbertazzo@hotmail.com

Introdução

O assentamento Rural Madre Cristina foi legalizado pelo INCRA em 2009, ele se localiza em distrito da cidade de Goiandira/GO, em um povoado popularmente conhecido como “Veríssimo”. Localidade esta que é cortada por um rio que escoa diretamente para uma barragem próxima. O povoado de Veríssimo viveu seus anos auge durante o período da linha de ferro, tendo na localidade uma estação ferroviária que servia de parada para os trens vindos de Minas Gerais, porém em meados dos anos 40 foi desativada, pois se construiu outra variante na região. Após este período a localidade foi perdendo importância aos poucos, sem atrair nenhuma população. Atualmente o povoado conta com menos de 50 habitantes.

O assentamento que é o objeto central deste trabalho se localiza a 3 km do povoado Veríssimo. Na localidade vivem 18 famílias que foram assentadas a partir do ano de 2009. Pensar nestas famílias nos requer trazer a tona uma longa trajetória, afinal todas são oriundas de vários assentamentos espalhados no centro-oeste e sudeste do Brasil. Como constatado, os assentados vieram de 4 acampamentos distintos. Todos foram colocados neste assentamento em específico, pois foram os únicos não contemplados pelas terras que seus companheiros de acampamento conseguiram. Certa vez uma moradora relatou que ali naquela localidade havia apenas as sobras, pois quando foi à vez dela de pegar uma terra no mesmo local que as outras famílias já haviam conseguido, a terra havia acabado, ou seja, ela ficaria novamente na lista de espera, desta forma outros três assentados relataram em suas trajetórias algo similar.



Trajetória do Projeto

Uma missionária da Igreja Católica que é integrante da Pastoral da Terra mantém vínculos com algumas moradoras do acampamento Olga Benário, em Ipameri-GO. A missionária, já engajada com a produção de alimentos sem venenos, começou um pequeno trabalho de produção orgânica no acampamento, conquistando a confiança de algumas mulheres. Estas mulheres com as quais a missionária mantinha vínculo se dispersaram em vários assentamentos, porém duas delas foram justamente para o Assentamento Madre Cristina. Desta forma, a missionária continuou a ajudá-las, afinal de contas a partir deste momento elas possuíam a terra para produzir. Alguns contatos foram feitos e logo o prof. Dr. Cláudio Bertazzo, se inteirou da situação que a missionária lhe apresentava. A seguir, o NEPEA, financiado pelo MEC/PROEXT/SESu, iniciou as atividades com os assentados iniciando pelos diagnósticos participativos a fim de estabelecer relações com a comunidade de assentados e poder levantar, através da ferramenta “análise FOFA”, as Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças e que eram percebidas pelos agricultores. Com o objetivo de despertar nos assentados o interesse pela agricultura segundo os princípios agroecológicos, foram realizadas oficinas e capacitações que evidenciavam práticas e estilos de agricultura sem uso de venenos. Deste modo, iniciam as nossas intervenções no Assentamento, em meados de 2012.

A *Feira Sem Veneno* é montada semanalmente dentro da UFG-CAC, desde 13 de novembro de 2012, tendo a participação dos assentados do Madre Cristina como expositores de seus produtos. Em poucas semanas conquistou seu público e se mantém desde então. Inicialmente três famílias traziam seus produtos semanalmente para a feira, que acontece todas as Terças-Feiras a partir das 17hrs. Logo conseguimos recursos para que todos assentados que participassem da feira tivessem suas próprias tendas. Passadas algumas semanas eles que já estavam em contato com as intervenções e capacitações realizadas por meio da extensão-PROEXT, eles que só produziam poucas variedades de hortaliças passaram a oferecer muitas variedades de hortaliças, produtos de panificação, laticínios e frango.



Material e Metodologia

Todas as intervenções são realizadas inicialmente na sede do Assentamento Rural. A sede é uma casa que fica no início da localidade, e este espaço é utilizado para as reuniões. Em primeiro momento são discutidos os problemas recentes do próprio assentamento, como as últimas pragas e demais problemas nas lavouras. Após este primeiro contato realiza-se a capacitação, que é onde os estudantes e professores trazem novas informações para que elas se vinculem as que já foram discutidas e aprendidas. Nas intervenções sempre há uma constante troca de saberes, que por fim resulta em agricultores que praticam uma agricultura sustentável e sem veneno, e uma comunidade acadêmica instruída que respeita, valoriza e reconhece os saberes das famílias assentadas. As intervenções realizadas se caracterizam como observação participante e enquanto intervenção didática, fruto de uma construção teórico-prática do tipo aprender fazendo, pois em todas as intervenções há sempre uma troca constante de informações e experiências, sendo esta uma das bases do projeto. O NEPEA é composto por quatro professores da UFG/CAC, oito alunos do curso de Geografia, dois da Engenharia Civil, dois das Ciências Sociais e dois alunos da Enfermagem.

A ação de extensão desenvolvida no assentamento não consiste apenas em instrumentalização técnica para a produção, mas também em contribuir para uma formação de cidadãos conscientes, contudo negando qualquer forma ou expressão de assistencialismo. Desta forma buscamos, através das intervenções, possibilitar conhecimentos amplos, para que as famílias assentadas detenham não só condições técnicas, mas também sociais, como saúde e educação, para produzirem e se manterem fieis a este propósito.

Resultados e Discussão

A cada intervenção realizada no assentamento rural, observamos a constante necessidade de compartilharmos os conhecimentos adquiridos na academia com os conhecimentos dos agricultores assentados. Além disso, também notamos o crescente interesse por parte dos assentados em se capacitarem cada vez mais e contribuírem para capacitar outros agricultores. Afinal de contas, uma produção sem venenos em média



poderá se tornar bastante lucrativa e satisfatória, tendo em vista que os produtores rurais estarão certos de que comercializam hortaliças e frutas sem nenhum tipo de produto químico que possa vir a fazer mal às pessoas.

A prova de que produzir alimentos sem nenhum tipo de veneno é possível utilizando apenas e somente os recursos próprios oferecidos pela natureza, contribui ainda mais para a motivação e interesse dos assentados neste tipo de produção, gerando sempre uma boa interação entre os extensionistas e assentados. Já é possível notar que as famílias que tinham um pequeno conhecimento sobre este tipo de produção e que tentavam praticá-la de forma rude, hoje já conseguem produzir mais e melhor. A variedade de hortaliças que eles produziam se multiplicou, incrementando também a produção de plantas frutíferas. De forma que as famílias que só recentemente conseguiram ser introduzidas pelo INCRA na posse da terra, logo se inseriram no grupo e tem aproveitado muito as oficinas e dias de campo, esclarecendo suas dúvidas e aprendendo as tecnologias sociais.

Considerações Finais

Os objetivos iniciais do projeto, fomentado pelo MEC/PROEXT/SESu, vêm sendo alcançados diariamente, a cada intervenção podemos notar o avanço técnico e a motivação dos assentados a continuarem no caminho da produção sem veneno e da alimentação saudável. Desta forma, a ideia central do projeto, que está, resumidamente, em dois eixos: em despertar as famílias assentadas para a conscientização ambiental e capacitação em práticas de agriculturas ecológicas; está sendo possível construir novas relações sociedade natureza em bases ecológicas.

Referências

CAPORAL, F.R. **Agroecologia e Extensão Rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Francisco R. Caporal e José A. Costabeber; prefácio de Miguel Altieri. – Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

DIAS, Roberto Fonseca; CHAVES, Gláucio Henrique. **Guia Geral das Estradas de Ferro do Brasil**, 1960. (Impresso).